

ALPHA

ATHENA

REVISTA DE ARTE

VOL. I

OUTUBRO 1924 a
FEVEREIRO 1925



LISBOA
IMPRESA LIBANIO DA SILVA
24, TRAVESSA DO FALLA-SÓ

ALFA
REVISTA DE ARTE

DIRECTORES
FERNANDO PESSOA
RUY VAZ



LISBOA
IMPRESSA LEBANO DA SILVA
RUA DO ALVARADO, 10

A T H E N A

Tem duas fórmãs, ou modos, o que chamamos cultura. Não é a cultura senão o aperfeiçoamento subjectivo da vida. Esse aperfeiçoamento é directo ou indirecto; ao primeiro se chama arte, sciência ao segundo. Pela arte nos aperfeiçoamos a nós; pela sciência aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou illusão, do mundo.

Como, porém, o nosso conceito do mundo comprehende o que fazemos de nós mesmos, e, per outra parte, no conceito, que de nós formamos, se contém o que formamos das sensações, pelas quaes o mundo nos é dado; succede que em seus fundamentos subjectivos, e portanto na sua maior perfeição em nós — que não é senão a sua maior conformidade com esses mesmos fundamentos —, a arte se mixtura com a sciência, a sciência se confunde com a arte.

Com tal assiduidade e estudo se empregam os summos artistas no conhecimento das matérias, de que hão de servir-se, que antes parecem sabios do que imaginam, que apprendizes da sua imaginação. Nem escasseiam, assim nas obras como nos dizeres dos grandes sabedores, lucilações logicas do sublime; em a licção d'elles se inventou o dicto, *o bello é o esplendor do vero*, que a tradição, exemplarmente erronea, attribuiu a Platão. E na acção mais perfeita que nos figuramos — a dos que chamamos deuses — aúnamos por instincto as duas fórmãs da cultura: figuramol-os creando como artistas, sabendo como sabios, porém em um só acto; pois o que criam, o criam inteiramente, como verdade, que não como creação; e o que sabem, o sabem inteiramente, porque o não descobriram^o mas crearam.

★

Se é licito que acceitemos que a alma se divide em duas partes — uma como material, a outra puro espirito —, diremos, de qualquer conjuncto ou homem hoje civilizado, que deve a primeira á nação que é ou em que nasceu, a segunda á Grecia antiga. *Exceptas as forças cegas da Natureza*, disse Sumner Maine, *tudo, quanto neste mundo se move, é grego em sua origem.*

Estes gregos, que ainda nos governam de além dos proprios tumulos desfeitos, figuraram em dois deuses a producção da arte, cujas fórmãs todas lhes devemos, e de que só não crearam a necessidade e a imperfeição. Figuraram em o deus Apollo a liga instinctiva da sensibilidade com o entendimento, em cuja acção a arte tem origem como belleza. Figuraram em a deusa Athena a união da arte e da sciência, em cujo effeito a arte (como tambem a sciência) tem origem como perfeição. Sob o influxo do deus nasce o poeta, entendendo nós por poesia, como outros, *o principio animador de todas as artes*; com o auxilio da deusa se fórma o artista.

Com esta ordem de symbolos — e assim nesta matéria como em outras — ensinaram os gregos que tudo é de origem divina, isto é, extranho ao nosso entendimento, e alheio á nossa vontade. Somos só o que nos fizeram ser, e dormimos com sonhos, servos orgulhosos nelles da liberdade que nem nelles temos. Porisso o *nascitur*, que se diz do poeta, se applica tambem a metade do artista. Não se aprende a ser artista; aprende-se porém a saber sel-o. Em certo modo, comtudo, quanto maior o artista nato, maior a sua capacidade para ser mais que o artista nato. Cada um tem o Apollo que busca, e terá a Athena que buscar. Tanto o que temos, porém, como o que teremos, já nos está dado, porque tudo é logico. *Deus geometriza*, disse Platão.

*

Da sensibilidade, da personalidade distincta que ella determina, nasce a arte per o que se chama a inspiração — o segredo que ninguem fallou, a sesame dicta por acaso, o echo em nós do encantamento distante.

A só sensibilidade, porém, não gera a arte; é tão-sómente a sua condição, como o desejo o é do proposito. Ha mistér que ao que a sensibilidade ministra se ajunte o que o entendimento lhe nega. Assim se estabelece um equilíbrio; e o equilíbrio é o fundamento da vida. A arte é a expressão de um equilíbrio entre a subjectividade da emoção e a objectividade do entendimento, que, como emoção e entendimento, e como subjectiva e objectivo, se entreoppõem, e porisso, conjugando-se, se equilibram.

Tem a arte, para nascer, que ser de um individuo; para não morrer, que ser como extranha a elle. Deve nascer no individuo per, que não em, o que elle tem de individual. No artista nato a sensibilidade, subjectiva e pessoal, é, ao sel-o, objectiva e impessoal tambem. Poronde se vê que em tal sensibilidade se contém já, como instincto, o entendimento; que ha portanto fusão, que não só conjugação, d'aquelles dois elementos do espirito.

A sensibilidade conduz normalmente á acção, o entendimento á contemplação. A arte, em que estes dois elementos se fundem, é uma contemplação activa, uma acção parada. E' esta fusão, composta em sua origem, simples em seu resultado, que os gregos figuraram em Apollo, cuja acção é a melodia. Não tem porém valia como arte essa dupla unidade senão com seus elementos não só unidos mas equivalentes.

Pobre de sensibilidade e de pessoa, a arte é uma mathematica sem verdade. Por muito que um homem aprenda, nunca aprende a ser quem não é; se não fôr artista, não será artista, e da arte que finge se dirá o que Scaliger disse da de Erasmo: *ex alieno ingenio poeta, ex suo versificator* — poeta pelo ingenho alheio, versificador pelo proprio.

Pobre de entendimento, porém, e da objectividade que ha nelle, no genio sobresahe a loucura, em que se funda; no talento a extranheza, em que se fundamenta; no ingenho a singularidade, em que tem origem. O individuo mata a individualidade.

*

Na arte buscamos para nós um aperfeiçoamento directo; podemos buscal-o temporario, ou constante, ou permanente. Nossa índole, e as circumstancias, determinarão a especie, que é tambem o grau, de nossa escolha.

Aperfeiçoamento temporario, não o ha senão o do esquecimento; porque, como forçosamente o que temos de mau está em nós, o aperfeiçoarmo-nos temporariamente, isto é, sem aperfeiçoamento, não pode ser mais que o esquecermo-nos de nós, e da imperfeição que somos. Ministram por natureza este esquecimento as artes inferiores — a dança, o canto, a representação —, cujo fim especial é o de distrahir e de entreter, e que, se excedem esse fim, tambem a si mesmas se excedem.

Aperfeiçoamento constante quer dizer, não o aperfeiçoamento, senão a presença constante de estímulos para elle. Não ha estímulos, porém, senão exteriores; serão tanto mais fortes, quanto mais exteriores; serão tanto mais exteriores, quanto mais forem physicos e concretos. Ministram por natureza este estímulo constante as artes superiores concretas — a pintura, a esculptura, a architectura —, cujo fim especial é o de adornar e de embellezar. Constantes como aperfeiçoamento, são porém permanentes como estímulos d'elle: de ahí o serem superiores. Podem ellas, comtudo, admittir, como todo concreto, uma animação do abstracto; na proporção em que, sem desertarem de seu fito, o fizerem, a si mesmas se excederão.

O aperfeiçoamento permanente não pode dar-se senão per aquillo que no homem é já mais permanente e mais aperfeiçoado. Operando e animando nesse elemento do espirito se fará o homem viver cada vez mais nelle, se o fará viver uma vida cada vez mais perfeita. E' a abstracção o último effeito da evolução do cerebro, a última revelação que em nós o destino fez de si mesmo. E' ainda a abstracção substancialmente permanente; nella, e na operação d'ella a que chamamos razão, não vive o homem servo de si, como na sensibilidade, nem pensa superficial do ambiente, como com o entendimento: vive e pensa *sub specie aeternitatis*, desprendido e profundo. Nella, pois, e per ella, se deve effectuar o aperfeiçoamento permanente do homem. As artes que por natureza ministram tal aperfeiçoamento são as artes superiores abstractas — a musica e a litteratura, e ainda a philosophia, que abusivamente se colloca entre as sciencias, como se ella fôra mais que o exercicio do espirito em se figurar mundos impossiveis.

Assim, porém, como qualquer das artes superiores pode descer ao nível da ínfima, quando se dê o fito que naturalmente convém áquella, assim tambem as inferiores e as concretas podem, em certo modo, alçar-se ao da suprema. Assim é que toda arte, seja qual fôr seu logar natural, deve tender para a abstracção das artes maiores.

Trez são os elementos abstractos que pode haver em qualquer arte, e que podem portanto nella sobresahir: a ordenação logica do todo em suas partes, o conhecimento objectivo da materia que ella informa, e a excedencia nella de um pensamento abstracto. Em qualquer arte é dado, em maior ou menor grau, manifestarem-se estes elementos, ainda que só nas artes abstractas, e sobretudo na litteratura, que é a mais completa, possam manifestar-se inteiramente.

A mesma abstracção é também o estádio supremo da sciencia. Tende esta para ser mathematica, isto é, abstracta, á medida que se eleva e se aperfeiçoa. E' pois no nível da abstracção que a arte e a sciencia, ambas se alçando, se conjugam, como dois caminhos no píncaro para que ambos tendam. E' este o imperio de Athena, cuja acção é a harmonia.

Como, porém, toda sciencia, se tende para a mathematica, tende, com isso, para uma abstracção concreta, applicavel á realidade e verificavel em seus movimentos phisicos; assim toda arte, por mais que se eleve, não póde desprender-se do entendimento e da sensibilidade, em cuja fusão se creou e teve origem. Onde não houver harmonia, equilibrio de elementos oppostos, não haverá sciencia nem arte, porque nem haverá vida. Representa Apollo o equilibrio do subjectivo e do objectivo; figura Athena a harmonia do concreto e do abstracto. A arte suprema é o resultado da harmonia entre a particularidade da emoção e do entendimento, que são do homem e do tempo, e a universalidade da razão, que, para ser de todos os homens e tempos, é de homem, e de tempo, nenhum. O producto assim formado terá vida, como concreto; organização, como abstracto. Isto estabeleceu Aristoteles, uma vez para sempre, naquella sua phrase que é toda a esthetica: *um poema, disse, é um animal.*

★

Existe ainda o preconceito, nascido ou de se attender só ás fórmulas inferiores da arte, ou de se attender inferiormente a qualquer d'ellas, de que a arte deve dar prazer ou alegria. Ninguém cuide, esquecendo os grandes fins d'ella, que a arte suprema deve dar-lhe alegria, ou, ainda quando o satisfaça, satisfação. Se a arte infima tem por dever o entreter, se a média tem por mister o embellezar, elevar é o fim da suprema. Porisso toda arte superior é, ao contrario das outras duas, profundamente triste. Elevar é deshumanizar, e o homem se não sente feliz onde se não sente já homem. E' certo que a grande arte é humana; o homem, porém, é mais humano que ella.

Ainda per outra via a grande arte nos entristece. Constantemente ella nos aponta a nossa imperfeição: já porque, parecendo-nos perfeita, se oppõe ao que somos de imperfeitos; já porque, nem ella sendo perfeita, é o signal maior da imperfeição que somos.

E' poristo que os gregos, paes humanos da arte, eram um povo infantil e triste. E a arte não é porventura mais, em sua forma suprema, que a infancia triste de um deus futuro, a desolação humana da immortalidade presentida.

FERNANDO PESSOA

OITO SONETOS

AGULHA DE MAREAR

Não ha morte, nem vida: ha fórmas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

A sombra do cypreste, acicular e fina,
silenciosamente aponta o chão barrento,
aonde, em cada flôr, existe uma ruina,
e, em cada grão de terra, o pó de um soffrimento.

E é nesse chão fendido, inerte, e lamacento,
que se fére a batalha, em úbere chacina,
entre a raiz da herva e o morto Pensamento,
entre a tromba da larva e a bôcca feminina.

Improfícua peleja em que o vencido de Hoje
foi Hontem vencedor; e em que a victoria foge,
buscando inutilmente a eterna Perfeição.

E a sombra do cypreste, impávida entre as lousas,
tranquillamente aponta a Chymica das Cousas,
que infiltra em cada arbusto a dôr de um coração.

SALVÉ NATURA!

A Natureza não attende os queixumes e as supplicas do Homem: repelle-o inexoravelmente para o seu proprio Ser.

LUDWIG FEUERBACH.

Sempre que o pranto corre, humilde, lento, e certo,
na estagnação da Desesp'rança indefinida,
e rasga em cada face um sulco a descoberto,
por onde a Dôr deslisa, obscura e succumbida,

ninguém repara nesse enorme sulco aberto,
ninguém o vê na face esqualida e dorida,
por ser o Egoismo, em tudo, o natural deserto,
em que a extranha dôr não póde achar guarida.

Odeio-te por isso — injusta Natureza! —
a quem, numa servil hosanna pantheista,
é uso lisongear o Poder e a Grandeza.

Infinitos sómente em tempo e em espaço,
tal Grandeza e Poder cegam de todo a vista,
emquanto se não sente o horror do seu abraço.

A NOITE DOS TEMPOS

Viver na Historia é simples irrisão ;
tambem ella ha de um dia terminar
quando a Terra, sem vida na amplidão,
só der á lua morta outro luar.

E, quando o astro-cadaver gravitar
sem o Sol o aquecer, onde estarão
as paginas da Historia secular,
que o Homem escreveu por sua mão ?...

Emquanto a Vida é luz que morre e cança,
só o Tempo progride e não descança
de prolongar a noite das Edades ;

e, como simples rastro de seus passos,
condemna cada astro nos espaços
á pena capital das unidades.

A REVOLTA DO «SER»

O mais feliz dos homens é aquelle que ainda
não nasceu.

PROVERBIO GREGO.

Claridades do dia ha muito que as não vejo ;
a noite, dentro em mim, esmaga-me vencido ;
e, tendo horror á Vida, a Morte não desejo,
porque o Bem só consiste em nunca haver nascido.

Diz-se que a Vida é fructo opímo de um só beijo
e a Morte a redempção de quem tiver soffrido ;
mas a Vida, afinal, é a charneca, o brejo,
onde a Morte recolhe um fructo apodrecido.

Vida e Morte — por fim — são dois eguaes cutellos
nas mãos do mesmo algoz — a injusta Natureza —
que tira do Não-Ser os réos pelos cabellos.

E somos nós os réos, que, na nossa Consciencia,
vêmos imaginaria a Idéa de Belleza,
irrealidade vã da ephemera Existencia.

?...

QUIETAÇÃO OU REINCARNAÇÃO?...

A Morte o que será?... E que será morrer?..
 E não obstante o Todo vive e tudo acaba...
 Escombro de uma vida exausta que desaba,
 ou Vida que se extingue e torna a reviver?...

Mas, seja como fôr, a Morte é uma aldraba
 que bate a toda a hora á porta do viver,
 e o homem pensador, consciente no prever,
 até mesmo no fim a vida menoscaba.

Que será, pois, morrer?... De todos os mysterios
 é sempre o mais fecundo, o que enche os cemiterios,
 unico e natural direito que nós temos;

injusta punição que soffre o innocente
 do crime de viver, porque a Causa immanente
 a tudo impoz a Dôr, e á Dôr não deu extremos.

SHYLOCK

Saúdo — ó Natureza! — o braço de Harpagão
 com que tentas cobrir a falsa omnipotencia,
 o braço que, na ceifa, empregas sem clemencia,
 derrubando a seára até chegar ao chão.

E, renovando a vida, impelles o embryão
 a formar-se, a soffrer, sem dó nem condolencia,
 a dôr que lhe impuzeste em sua propria essencia,
 para de novo a morte ser o amphytrião.

E quando dizes, com o teu desdem algente,
 — «Olhae a minha serva a cobrar, sorridente,
 tributo que se paga e nunca fica pago»,

enthesouras assim, soffregamente avara,
 a trabalhosa messe, o fructo da seára,
 no subito prazer de um repentino trago.



ÉLOS PARTIDOS

O Passado vive potencialmente em nós pelo Sentimento, tendo por estigma a Saudade.

Do AUCTOR.

Reaccendeu-se a luz na memoria esquiva,
e julguei ser o Hoje o que Hontem só era,
esp'rança infeliz, que já não espera,
aurora fugaz na treva prantiva.

Fanada illusão, que ficou captiva,
como fica no muro a folha da hera,
lembrança esbatida de fluida Chimera,
que o Tempo matou, e existe inda viva.

Extincto rescaldo em que ha, crepitantes,
scentelhas vitaes de lume bemdito,
queimando o Presente em brasas distantes.

E, assim, a sonhar, meus olhos cegaram,
procurando em vão no tempo proscripto
as nuvens de pó, que os ventos levaram.

ÉLOS NOVOS

O Porvir vive potencialmente em nós pelo Pensamento, tendo por estigma a Esperança, raras vezes realizada.

Do AUCTOR.

Vaes seguindo, errante, um caminho incerto,
vacillando sempre, e sempre aos baldões!...
Em busca de quê?... Nem sabes ao certo,
mas vaes caminhando atraz de illusões.

Existe a Verdade, e se a não vês perto,
não vás descobri-la em órgãos anões,
procura-a melhor no cérebro aberto,
o livro a que o Tempo impoz deducções.

Não tenhas saudade: estuda o Passado,
e nelle hás de achar o x desejado,
a causa, a razão de tudo a que assistes.

E a alma — hás de ver — por leis immutaveis
será alteada em graus mais estaveis,
que, assim como tu, talvez sejam tristes.

HENRIQUE ROSA

PIERROT E ARLEQUIM

Contam-se tantas historias de Pierrot e de Arlequim e ha por esse mundo fóra tantos retratos de um e de outro, que pelas historias e pelos retratos será possível, pelo menos, disfarçar a sua ausencia.

I

A mimica é uma arte só de gestos, e estes querem copiar os proprios gestos da vida.

Entre o que a mimica desencantou na vida e veio depois imitar publicamente á luz artificial está o enigma do Pierrot, personagem cuja historia é igual ao figurino:

Todo branco, roupas largas e quasi sem feitio de vestirem um corpo humano, uma blusa pouco mais ou menos, umas calças pouco mais ou menos, e as mangas muito compridas não sabem o tamanho dos braços e passam para além das mãos, as quaes não necessitam para nada de estar livres, porque o não são. Pois se não podem agarrar o que desejam!

Tudo é branco, o fato como a propria cara, e a não ser o negro da calotte e dos enormes botões fingidos que não servem para abotoar coisa alguma, nenhuma côr da realidade se digna a convencer-nos de que ha effectivamente uma vida alli naquelle retalho branco.

Pelo contrario, Arlequim usa o maillot esticado por cima da pelle e mostra bem o feitio do corpo, a inquietação dos nervos, a impaciencia dos musculos e o frenesim animal.

O chapéu é de feltro negro mas posto com intenção.

Anda sempre com uma especie de bengala que é ao mesmo tempo o seu amigo inseparavel e a sua varinha de condão, e serve tambem para experimentar a valentia de todas as coisas, isto é, se vão abaixo logo á primeira ou se é necessario puxar-lhe ainda com mais ganas.

É difficil que Arlequim já alguma vez tenha passado despercebido em qualquer parte.

O seu maillot é feito de trinta e sete mil pedaços de trinta e sete mil côres e que são precisamente as trinta e sete mil historias de Arlequim, as quaes todas juntas não chegam para fazer uma só.

Pierrot anda sempre mettido comsigo e não é facil saber quando está acordado ou a dormir.

Pelo contrario, Arlequim não pára nem um momento, não pode estar quieto, e sem duvida porque não anda satisfeito. Está sempre a magicar idéas e sempre com experimentações, e não são experimentações nem idéas o que falta ao Arlequim.

PIERROT: *Gostava de ser como tu, pois fazes quanto queres e eu, que não quero senão a uma, essa mesma não na tenho!*

- ARLEQUIM: Pois quem me déra querer tanto só a uma, como tu, pará então ser-vil-a como a nenhuma!
- PIERROT: Palavras e mais palavras! Se quizesse só a uma, como eu, deixavas logo de ser Arlequim e já não podias nada por Ella!
- ARLEQUIM: Isso é o que havemos de vêr! Deixa-me cá encontrar a que eu procuro, e então saberás quem é o Arlequim!
- PIERROT: Procurar é facil; peor é depois de encontrar o que se procura: torna-se impossivel realizal-o!
- ARLEQUIM: Queres dizer co'as tuas palavras que já encontraste o que procuravas?
- PIERROT: Encontrei e não procurei: appareceu-me!
- ARLEQUIM: Isso é que foi sorte, hein? vir ter ás mãos sem trabalho nenhum!
- PIERROT: Foi a sorte que o quiz assim.
- ARLEQUIM: Mas, pelo que vejo, a sorte não te serviu de nada!
- PIERROT: Ninguem te diz que a minha sorte é boa.
- ARLEQUIM: Nem era necessario dizel-o.
- PIERROT: Nem boa nem má: é a sorte!
- ARLEQUIM: Não digas asneiras! A sorte não existe; o que existe é a coragem!
- PIERROT: Eu tenho a coragem da minha sorte!
- ARLEQUIM: Tu deves ter apprendido muitas coisas ahi nesse canto onde estás sempre mettido.
- PIERROT: Eu sei o que sei e nada mais!
- ARLEQUIM: Não ha duvida; mas o que não sabes é viver! Anda de ahi um dia commigo e verás como sou conhecido por toda a parte por causa da minha alegria!
- PIERROT: Se elles te vissem quando voltas para casa depois de teres estado por toda a parte!
- ARLEQUIM: O que acontecia?
- PIERROT: Veriam que tinhas deixado a alegria por toda a parte, pois que voltas para casa sem nenhuma.
- ARLEQUIM: Ora, ora! Durante a noite vem sempre mais alegria para o dia seguinte.
- PIERROT: E no dia seguinte voltas outra vez para casa sem nenhuma!
- ARLEQUIM: Porque a gastei! mas nessa noite torna a vir mais alegria para o dia seguinte. Vê-se mesmo que não percebes nada de alegria: se a não gastasse todã, no dia seguinte não havia alegria nova, era ainda atrazada.
- PIERROT: E é sempre assim de dia e de noite?
- ARLEQUIM: Isto até fazia perder a graça toda se soubesse o dia certo em que hei de encontrar o que procuro! E ainda te digo mais: ás vezes até chego a ter pena de vir a encontrar o que procuro, tão agradavel é andar a procurar!... Mas dize-me lá: o que é que tu percebes de alegria?
- PIERROT: Alegria é não sentir necessidade de a procurar.
- ARLEQUIM: Como tu, não é verdade? Que linda alegria que tu arranjaste, não haja duvida!
- PIERROT: Eu necessito da minha tristeza para saber onde estou, e se ando triste porque a não tenho, comtudo sou feliz porque a encontrei e só a Ella quero!
- ARLEQUIM: Pois a alegria, cá pra mim, é andar a procural-a! E nada de tristezas, que fazem a gente velha. A chorar ou a rir o tempo passa da mesma maneira;

portanto mais vale a rir. Olha! faze como eu : vae dizendo a verdade a rir, porque ella não fica melhor se fôr a chorar ; portanto, mais vale a rir.

PIERROT : A rir.

Arlequim zanga-se. Vae subindo a voz á medida que falla, e pró fim é já a gritar que é um escandalo e sem precisão nenhuma! Faz o dobro de gestos do que já era a mais, e o sangue sobe-lhe á cara, e a bocca quer dizer mais do que sabe, e os olhos incham-se de raiva e já não lhe cabem na cara, e os insultos são facillimos e quantos quizerem, e tudo isto só pôr causa do Pierrot ter dito : A rir.

ARLEQUIM : Pois se eu agarro as coisas com estas minhas mãos, e sirvo-me d'ellas, e uso-as, e goso-as, e gasto-as até ao fim, sem deixar perder um unico pedaço, e depois não fica nada, as mãos ficam-me vazias ! Vazias ! exactamente como se nunca tivessem pegado em nada d'este mundo, como se não tivessem nunca feito nada, como se eu nunca tivesse tido nada nestas minhas mãos ! . . . Quanto mais tu, que não pégas em nada, que nem sequer mãos tens, que nada experimentas, que nunca te arriscaste a entrar na realidade, que não és capaz de dar um passo para nada d'este mundo ! . . . Farto de fantasias ando eu até aos olhos ! e até a minha cara se enchia de vergonha se houvesse alguma coisa que eu tivesse de aprender contigo, espantallo de trapo que não espantas nada, nem as moscas, e bém pelo contrario !

Pierrot não responde porque já sabe que o Arlequim ha de ser sempre o ultimo a fallar. Pierrot nunca se zanga : ha outra coisa que o preoccupa mais. Quasi sempre é o Pierrot que sem querer começa as conversas, e até hoje ainda nenhuma deu bom resultado.

Pierrot continúa no canto mais escuro da casa, mas por causa do desalinho d'aquellas suas roupas não é facil verificar se está deitado de costas ou de barriga pró ar.

Arlequim anda de um lado para o outro, e vae á janella e torna a entrar, e passeia em volta da mesa, e pára pra vêr os livros, e abre-os, e põe direitos os que estavam ao contrario, e folheia-os sem lér uma palavra, e procura um determinado capitulo do principio ao fim e de traz para deante, e fecha o livro antes de ter encontrado, e põe ordem na mesa, e baralha as cartas para se entreter, e começa uma paciencia e acaba-a logo depois de principiada, e tira do violino sons ao acaso, e tem muita sede e vae beber dois copos d'agua e enche uma terceira vez mas já não bebe, e assobia uma dança a olhar pela janella e com a idéa noutra coisa, e vae sentar-se para escrever, e arranja papel, e prepara a caneta e experimenta o aparo, e inclina-se sobre a mesa para começar, e molha a pena no tinteiro quinze vezes emquanto pensa o que vae escrever, e levanta-se para ir ver-se ao espelho, e volta á mesa para metter outra vez o papel dentro da pasta e pôr a caneta no seu logar, e vae á janella em passo de dança, e vem da janella com immensa pressa e vae a correr até á porta e cada vez com mais pressa volta de novo á janella e outra vez a correr prá porta, e não chega a abrir a porta nem vêr bem da janella, mas, sempre a correr de uma para outra, vae levando do cabide primeiro a bengala, depois o chapéu, e por ultimo a capa, mas afinal já não é preciso nada, e põe tudo em cima da cadeira, e está a

rir-se elle lá sabe de quê, e passeia satisfeito com as mãos atraz das costas, e ainda mais contente faz saltar uma bola de tennis, e cada vez mais radiante dá á manivella da caixa de musica, e depois franze o nariz e zanga-se de repente e ninguem sabe porquê e atira ao chão com a jarra das flores e dá um pontapé na mesa e espalha tudo pelo meio da casa, e fica a chorar que corta o coração, virado contra a parede, mas durante muito menos tempo do que era de esperar.

Pierrot não assiste a nada d'este mundo, nem ao estardalhaço que fez o Arlequim.

PIERROT : Não posso comprehender que Ella não seja minha se só a Ella amo e com tamanha perfeição!

ARLEQUIM : Ouve lá : Ella sabe ao menos que tu existes ?

PIERROT : Ouviste o que eu pensei ?

ARLEQUIM : Pudera que ouvi ! Parece-me que não sou surdo.

PIERROT : Só ella não ouvirá nunca !

ARLEQUIM : Dissesses-lh'o tu alguma vez que Ella o ouviria !

PIERROT : Não, não o ouviria.

ARLEQUIM : Então é surda !

PIERROT : Não, não é surda.

ARLEQUIM : Então é estúpida !

PIERROT : Não, não é estúpida.

ARLEQUIM : Então é... E não querem vêr esta agora ? Então eu não estava a dar-te trela ? ! Olha : sabes o que mais ? Em vez de andares a sonhar ahi pelos cantos e sem fazeres nada, era bem melhor que visses a vida como ella é e te sujeitasses como toda a gente a um officio que te desse de comer e de vestir e onde ficasses durante a noite á tua custa !

PIERROT : Sujeitar-me a um officio, dizes tu ? Eu não posso sujeitar-me senão a Ella ! e que outro officio posso ter senão amal-A ?

ARLEQUIM : Nesse caso queres um conselho ? Aparece deante d'Ella nessa linda figura e então ouvirás a verdade da sua propria bocca : Então já viram ? Olha o lindo presente que me davam para marido !

PIERROT : Não, não irei vel-A.

ARLEQUIM : Tambem acho melhor.

PIERROT : Eu vou fugir para muito longe.

ARLEQUIM : Não é necessario, descança : fica ahi mesmo a sonhar. E eu vou aproveitando o melhor possível os boccados d'esta vida, que é só uma — ouviste bem ? que é só uma, infelizmente, mas eu hei de expremel-a muito bem expremidinha até ao fim, e espero que não ha de ter ficado nada por fazer ! Tu nunca ouviste dizer :

Quem é lobo faz como lobo,
E isso conhece-se logo ?

Arlequim, de repente, dá uma grande palmada na testa, como quem se recorda de alguma coisa esquecida, vae ao espelho pôr o chapéu de uma certa maneira que não fica logo á primeira, puxa lustro nos sapatos com a ponta do reposteiro, deita a

capa pelos hombros e dá-lhe um geito que lhe agrada, verifica se a bengala está capaz do que dér e viér, enche o peito de ar, levanta bem a cabeça, e com estylo triumphante sahe a cantar com toda a força dos seus pulmões :

Quem é lobo faz como lobo
E isso conhece-se logo !

II

*Já alguém viu um Pierrot ou um Arlequim que fôssem casados ?
Ninguém podia ter visto, porque ambos morreram solteiros.*

O Pierrot nunca perdeu aquella mania de andar sempre mettido comsigo, e o Arlequim já tinha mais trinta e sete mil historias por cima das trinta e sete mil historias que já tinha, o tempo foi passando e elles sempre na mesma, até que um dia acabou-se o tempo que cabia a cada um.

Depois os amigos do Pierrot e do Arlequim foram fazer-lhes uma visita ao cemiterio. As suas covas eram ao lado uma da outra e á cabeceira cada uma tinha um cypreste; mas esta arvore, em vez de lhes fazer companhia, dava ainda mais a impressão do seu completo isolamento.

E enquanto os amigos cahiam em meditação, começou inesperadamente este dialogo :

ARLEQUIM : Ouve, ouve, Pierrot !

PIERROT : O que ha ainda ?

ARLEQUIM : Ouve : tive uma idéa !

PIERROT : Mais uma idéa ? !

ARLEQUIM : Sim, sim ! Chegou agora mesmo !

PIERROT : Não achas que chegou tarde ?

ARLEQUIM : É porque tu não sabes a idéa que é !

PIERROT : Tinha te escapado essa !

ARLEQUIM : É verdade. E é a melhor de todas ! Até estou admirado como não a tive ha mais tempo ! Queres ouvil-a ?

PIERROT : Escuta, Arlequim !

ARLEQUIM : O que foi ?

PIERROT : Tive uma idéa !

ARLEQUIM : Não, espera um pouco : deixa-me contar-te primeiro a minha.

PIERROT : Não, não pode ser ! Primeiro conto eu.

ARLEQUIM : Quem teve primeiro a idéa fui eu !

PIERROT : Ah, vê-se mesmo que não sabes qual é a idéa que eu tive agora mesmo ! senão não fallavas d'essa maneira ..

ARLEQUIM : Oh, e se tu ouvisses a minha !

PIERROT : Não pode haver comparação !

ARLEQUIM : Isso mesmo digo eu !

PIERROT : Eu nem tenho forças para escutar a tua sem te ter dicto a minha !

ARLEQUIM : É o que acontece commigo.

- PIERROT : Tanto peor para ti !
- ARLEQUIM : É impossivel haver uma idea mais genial que a minha !
- PIERROT : Oh, e a minha !
- ARLEQUIM : Somos capazes de ter tido a mesma idéa !
- PIERROT : Oh, não, é impossivel ! Vaes vêr : eu conto-te a minha idéa, e a tua fica logo a perder de vista.
- ARLEQUIM : Não digas fantasias ! Tu sabes lá o que me veio á cabeça ? ! Digo-te mais : é o sufficiente para voltar o mundo inteiro de pernas ao ar !
- PIERROT : Ora ahi está ! afinal sou eu que tenho razão : tu precisas de ouvir primeiro que tudo a minha idéa.
- ARLEQUIM : Mas porquê ? !
- PIERROT : Pois tu acabas de dizer que a tua idéa faz voltar o mundo de pernas ao ar : tens por força que ouvir primeiro a minha idéa.
- ARLEQUIM : Bom : conta-a lá, mas depressa !
- PIERROT : A minha idéa é esta : pedir-te para que não digas a tua idéa.
- ARLEQUIM : Ora essa ! porquê ? !
- PIERROT : Pensa porque será.
- ARLEQUIM : Não sei porquê.
- PIERROT : Então eu digo-te : Porque tu e eu, nós os dois, já não existimos. Ambos nós morremos e estamos aqui enterrados os dois, cada um na sua cova, e tão sós como o estivemos na vida. Ouviste bem ? A morte já veio ter conosco, e ella é como tu dizias da vida : é só uma. Agora já não ha idéas que nos valham ! Acabou-se tudo : o que foi feito e o que não foi feito !
- ARLEQUIM : O que não foi feito ?
- PIERROT : Sim. O peor não é o que fizemos ; é o que não fizemos !... E agora já é tarde, muito tarde ! Estás a ouvir ?
- ARLEQUIM : É verdade ! Acabou-se tudo !... E ia tudo tão bem d'esta vez ! Tu não imaginas que genial que era a minha idéa !
- PIERROT : Escapou-te essa ! Tu não dizias que a vida era só uma, e que havias de expremel-a muito bem expremidinha até ao fim ?
- ARLEQUIM : Escapou-me logo a melhor de todas !
- PIERROT : Tem graça, não tem ? Ter escapado logo a melhor de todas !
- ARLEQUIM : Dou-te a minha palavra de honra que era a melhor de todas !
- PIERROT : Excusas de dar a palavra de honra, porque sei que dizes a verdade. Tambem a mim me escapou a melhor de todas !
- ARLEQUIM : Tem graça : a ti tambem ? !
- PIERROT : É verdade : a mim tambem.
- ARLEQUIM : Não ha duvida : agora já é tarde.

JOSÉ DE ALMADA-NEGREIROS

O D E S

LIVRO PRIMEIRO

I

Seguro assento na columna firme
Dos versos em que fico,
Nem temo o influxo innumero futuro
Dos tempos e do olvido ;
Que a mente, quando, fixa, em si contempla
Os reflexos do mundo,
D'elles se plasma torna, e á arte o mundo
Cria, que não a mente.
Assim na placa o externo instante grava
Seu ser, durando nella.

II

As rosas amo dos jardins de Adonis,
Essas volucres amo, Lydia, rosas,
Que em o dia em que nascem,
Em esse dia morrem.
A luz para ellas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
Antes que Apollo deixe
O seu curso visivel.
Assim façamos nossa vida *um dia*,
Inscientes, Lydia, voluntariamente
Que ha noite antes e após
O pouco que durâmos.

III

O mar jaz ; gemem em segredo os ventos
Em Eolo captivos ;
Só com as pontas do tridente as vastas
Aguas franze Neptuno ;
E a praia é alva e cheia de pequenos
Brilhos sob o sol claro.
Inutilmente parecemos grandes.
Nada, no alheio mundo,
Nossa vista grandeza reconhece
Ou com razão nos serve.
Si aqui de um manso mar meu fundo indicio
Trez ondas o apagam,
Que me fará o mar que na atra praia
Echoa de Saturno?

IV

Não consentem os deuses mais que a vida.
 Tudo pois refusemos, que nos alce!
 A irrespiraveis pincaros,
 Perennes sem ter flores.
 Só de aceitar tenhamos a sciencia,
 E, enquanto bate o sangue em nossas fontes,
 Nem se engelha comnosco
 O mesmo amor, duremos,
 Como vidros, ás luzes transparentes/
 E deixando escorrer a chuva triste,
 Só mornos ao sol quente,
 E reflectindo um pouco.

V

Como si cada beijo
 Fôra de despedida,
 Minha Chloë, beijemo-nos, amando.
 Talvez que já nos toque
 No hombro a mão, que chama
 A' barca que não vem senão vazia ;
 E que no mesmo feixe
 Ata o que mutuos fomos
 E a alheia somma universal da vida.

VI

O rythmo antigo que ha em pés descalços,
 Esse rythmo das nymphas repetido,
 Quando sob o arvoredado
 Batem o som da dança,
 Vós na alva praia relembrae, fazendo,
 Que scura a spuma deixa ; vós, infantes,
 Que inda não tendes cura
 De ter cura, reponde
 Ruidosa a roda, enquanto arqueia Apollo,
 Como um ramo alto, a curva azul que doura,
 E a perenne maré
 Flue, enchente ou vasante.

VII

Ponho na activa mente o fixo esforço
 Da altura, e á sorte deixo,
 E a suas leis, o verso ;
 Que, quando é alto e regio o pensamento,
 Subdita a phrase o busca
 E o scravo rythmo o serve.



VIII

Quam breve tempo é a mais longa vida
É a juventude nella! Ah Chloe, Chloe,
Si não amo, nem bebo,
Nem sem querer não penso,
Pesa-me a lei inimploravel, doe-me
A hora invita, o tempo que não cessa,
E aos ouvidos me sobe
Dos juncos o ruído
Na occulta margem onde os lirios frios
Da infera leiva crescem, e a corrente
Não sabe onde é o dia,
Sussurro gemebundo.

IX

Coroa-me de rosas,
Coroa-me em verdade
De rosas —
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tam cedo!
Coroa-me de rosas
E de folhas breves,
E basta.

X

Melhor destino que o de conhecer-se
Não frue quem mente frue. Antes, sabendo,
Ser nada, que ignorando:
Nada dentro de nada.
Si não houver em mim poder que vença
As parcas trez e as moles do futuro,
Já me dêem os deuses
O poder de sabe-lo;
E a belleza, increavel por meu sestro,
Eu gose externa e dada, repetida
Em meus passivos olhos,
Lagos que a morte sécca.

XI

Temo, Lydia, o destino. Nada é certo.
Em qualquer hora pode succeder-nos
O que nos tudo mude.
Fora do conhecido é extranho o passo
Que proprio damos. Graves numes guardam
As lindas do que é uso.
Não somos deuses: cegos, receemos,
E a parca dada vida anteponhamos
A' novidade, abysmo.

XII

A flor que és, não a que dás, eu quero.
 Porque me negas o que te não peço!
 Tempo ha para negares
 Depois de teres dado.
 Flor, sê-me flor! Sé te colher avaro
 A mão da infausta sphyngé, tu perenne
 Sombra errarás absurda,
 Buscando o que não déste.

XIII

Ólho os campos, Neera,
 Campos, campos, e soffro
 Já o frio da sombra
 Em que não terei olhos.
 A caveira antesinto
 Que serei não sentindo,
 Ou só quanto o que ignoro
 Me incognito ministre.
 E menos ao instante
 Chóro, que a mim futuro,
 Subdito ausente e nullo
 Do universal destino.

XIV

De novo traz as apparentes novas
 Flores o verão novo, e novamente
 Verdesce a cor antiga
 Das folhas redivivas.
 Não mais, não mais d'elle o infecundo abysmo,
 Que mudo sorve o que mal somos, torna
 A' clara luz superna
 A presença vivida.
 Não mais; e a prole a que, pensando, dera
 A vida da razão, em vão o chama,
 Que as nove chaves fecham
 Da Styge irreversivel.
 O que foi como um deus entre os que cantam,
 O que do Olympo as vozes, que chamavam,
 Scutando ouviu, e, ouvindo,
 Entendeu, hoje é nada.
 Tecei embora as, que teceis, grinaldas.
 Quem coroaes, não coroando a elle?
 Votivas as deponde,
 Funebres sem ter culto.
 Figue, porém, livre da leiva e do Orco,
 A fama; e tu, que Ulysses erigira,
 Tu, em teus septe montes,
 Orgulha-te materna,
 Igual, desde elle, ás septe que contendem
 Cidades por Homero, ou alcaica Lesbos,
 Ou heptapyla Thebas,
 Ogygia mãe de Pindaro.

XV

Este, seu scasso campo ora lavrando,
 Ora, solemne, olhando-o com a vista
 De quem a um filho olha, gosa incerto
 A não-pensada vida.
 Das fingidas fronteiras a mudança
 O arado lhe não tolhe, nem o empece
 Per que consilios se o destino rege
 Dos povos pacientes.
 Pouco mais no presente do futuro
 Que as hervas que arrancou, seguro vive
 A antiga vida que não torna, e fica,
 Filhos, diversa e sua.

XVI

Tuas, não minhas, teço estas grinaldas,
 Que em minha fronte renovadas ponho.
 Para mim tece as tuas,
 Que as minhas eu não vejo.
 Se não pesar na vida melhor goso
 Que o vermo-nos, vejamo-nos, e, vendo,
 Surdos conciliemos
 O insubsistente surdo.
 Coroemo-nos pois uns para os outros,
 E brindemos unisonos á sorte
 Que houver, até que chegue
 A hora do barqueiro.

XVII

Não queiras, Lydia, edificar no espaço
 Que figuras futuro, ou prometter-te
 Amanhã. Cumpre-te hoje, não sperando.
 Tu mesma és tua vida.
 Não te destines, que não és futura.
 Quem sabe se, entre a taça que esvazias,
 E ella de novo enchida, não te a sorte
 Interpõe o abysmo?

XVIII

Saudoso já d'este verão que vejo,
 Lagrimas para as flores d'elle emprego
 Na lembrança invertida
 De quando hei de perdel-as.
 Transpostos os portaes irreparaveis
 De cada anno, me anticipo a sombra
 Em que hei de errar, sem flores,
 No abysmo rumoroso.
 E colho a rosa porque a sorte manda.
 Marcenda, guardo-a; murche-se commigo
 Antes que com a curva
 Diurna da ampla terra.



XIX

Prazer, mas devagar,
Lydia, que a sorte áquelles não é grata
Que lhe das mãos arrancam.
Furtivos retiremos do horto mundo
Os depredandos pomos.
Não dispertemos, onde dorme, a erylis
Que cada goso trava.
Como um regato, mudos passageiros,
Gosemos escondidos.
A sorte inveja, Lydia. Emmudeçamos.

XX

Cuidas, invio, que cumpres, apertando
Teus infecundos, trabalhosos dias
Em feixes de hirta lenha,
Sem illusão a vida.
A tua lenha é só peso que levas
Para onde não tens fogo que te aqueça,
Nem soffrem peso aos hombros
As sombras que seremos.
Para folgar não folgas; e, se legas,
Antes legues o exemplo, que riquezas,
De como a vida basta
Curta, nem tambem dura.
Pouco usamos do pouco que mal temos.
A obra cança, o ouro não é nosso.
De nós a mesma fama
Ri-se, que a não veremos
Quando, acabados pelas parcas, formos,
Vultos solemnes, de repente antigos,
E cada vez mais sombras,
Ao encontro fatal —
O barco escuro no soturno rio,
E os nove abraços da fríeza stygia
E o regaço insaciavel
Da patria de Plutão.

RICARDO REIS

CARTAS QUE ME FORAM DEVOLVIDAS

1

Zangas-te sempre sem motivo. Ora ouve, fixando o que vou dizer-te: Quando recebemos uma noticia que devia atirar-nos para um supplicio forte, o nosso pensamento, em vez de se prender a esse acontecimento que encheu de amargura a nossa vida, distrahe-se numa futilidade qualquer que não quereríamos fixar por nos parecer um insulto á dôr que verdadeiramente sentimos. E ficamos surprehendidos.

Não te distraias, attende: Nas minhas horas de tristeza, sôa sempre aos meus ouvidos uma endiabrada canção jocosa. E sou forçado a ouvil-a. Cheguei a julgar-me cynico, doido, ou perverso. Mas não! É a nossa natureza debil defendendo-se da dôr com recursos inesperados. Aqui tens porque eu — amando-te mais do que o possível — defendo o meu coração, e vou procurando enganar-o, duvidando de que tudo quanto me dizes seja verdade, com receio de que um dia amargamente veja que tudo quanto me disseste foi mentira, mentira — tudo mentira. Perdôa se mais não digo. Um vivo saudar affectuosamente firme do teu — Antonio.

2

Ainda bem que nos afastámos. Ainda bem que o fizemos. A serena razão só nos assiste quando contemplamos a vida como espectadores. Eu não podia viver mais assim como tu querias que eu vivesse. Era impossível. Se continuássemos vivendo como viviamos — e mudar difficillimo seria —, sim, se nós desistíssemos de esta separação, de este sacrificio, apartávamos, certamente, as nossas almas, e para sempre! Ainda bem que nos afastámos. Ainda bem que o fizemos. Dizes na tua carta, relida já quatro vezes, que a tranquillidade da nossa vida vale mais que todas as paixões, que todos os desejos... Tu dás-lhe esse nome. — Para mim tem outro nome: chamemos-lhe egoismo. O teu é sacrificar todos os prazeres para evitar uma só dôr: és cobarde e commodista. O meu é egoismo tambem; porém é egoismo diverso, é egoismo ideal: — sacrificar tudo, ainda que o sacrificio destrua a minha vida e a sua dôr entristeça a minha alma. Como nós somos differentes! Tu findaste para esquecer, ou pôr de parte, o carinho amoroso da minha camaradagem; eu findei

para te lembrar continuamente e para melhor te pertencer... Escreve, quando não tiveres distracção mais agradável. E eu serei sempre contigo, pelo prazer complicadamente amável que me dás, quando me lembro de ti. Sempre teu com dolorida saudade funda — Antonio.

3

É inútil tentares dissuadir-me. Para que a minha felicidade seja felicidade, falta-me um pouco da tua; mas, no amor, ha um que ama e outro que se deixa amar. É sempre assim, mais ou menos. Não queiras dissuadir-me. Depois, reparando, vendo bem, eu não duvido de ti: eu só duvido da vida. E, tendo a certeza de que ella nos aparta antes que a morte nos aparte, fujo, resignado, quasi feliz... Chorei, é certo; porém não foram as lagrimas serenas, quasi doces, da saudade: foram lagrimas dolorosas de uma paixão fortissima, que lucha por extinguir-se e que em tudo se revela. Sim, foram lagrimas de fogo. Embora; não me lamentos. Sósinho, viverei para o culto da lembrança. A alma que está só, pode ter grandeza nessa soledade — uma grandeza orgulhosa como a do mar, grande em si mesma. — Antonio.

4

Nem eu sei porque respondo á tua carta. Sim, não sei dizer porque o faço. Tambem de que servia dizer-te? A verdade parece traição áquelles que vivem do engano. Tentei esclarecer-te, para meu socego e minha tranquillidade, esse desagradavel mal entendido que deu origem á nossa frieza actual, tão firme, segundo parece. Não quizeste escutar-me. Pouco depois sahias, sem me deixar a esmola de uma palavra que fosse... Dias passaram, longos dias decorreram, e, hoje, a tua carta de quatro linhas vem dizer-me que te arrependes continuamente do pouco amor que me deste... E num tom firme terminas: «que eu que sou bem differente d'aquillo que tu julgáras»... Nada respondo. Apenas te lembro, encanto de estes meus olhos, que a vida é cruel, immensamente cruel; e a sua maior crueldade é não permittir que pessoas da nossa estima possam conhecer a verdade dos nossos pensamentos e a verdade do nosso sentir. Adeus. Nada mais digo — Antonio.

ANTONIO BOTTO

O C O R V O

DE EDGAR ALLAN POE

(Traducção de Fernando Pessoa, rhytmicamente conforme com o original)

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de sciencias ancestraes,
E já quasi adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus humbraes.
«Uma visita», eu me disse, «está batendo a meus humbraes.
E' só isto, e nada mais.»

Ah, que bem d'isso me lembro! Era no frio dezembro,
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras deseguaes.
Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada
P'ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiaes —
Essa cujo nome sabem as hostes celestiaes,
Mas sem nome aqui jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo
Me incutia, urdia extranhos terrores nunca antes taes!
Mas, a mim mesmo infundindo força, eu ia repetindo,
«E' uma visita pedindo entrada aqui em meus humbraes;
Uma visita tardia pede entrada em meus humbraes.
E' só isto, e nada mais.»

E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,
«Senhor» eu disse, «ou senhora, decerto me desculpaes;
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,
Tão levemente batendo, batendo por meus humbraes,
Que mal ouvi. . . » E abri largos, franqueando-os, meus humbraes.
Noite, noite e nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido, receando,
Dubio e taes sonhos sonhando que os ninguem sonhou eguaes.
Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldicta,
E a unica palavra dicta foi um nome cheio de ais —
Eu o disse, o nome d'ella, e o echo disse os meus ais.
Isto só e nada mais.

Para dentro então volvendo, toda a alma em mim ardendo,
 Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.
 «Porcerto», disse eu, «aquella bulha é na minha janella.
 Vamos vêr o que está nella, e o que são estes signaes.
 Meu coração se distraía pesquisando estes signaes.
 E' o vento, e nada mais».

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,
 Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestraes.
 Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,
 Mas com ar solemne e lento pousou sobre meus humbraes,
 Num alvo busto de Athena que ha por sobre meus humbraes.
 Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave extranha e escura fez sorrir minha amargura
 Com o solemne decoro de seus ares rituaes.
 «Tens o aspecto tosquiado», disse eu, «mas de nobre e ousado,
 Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernaes!
 Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernaes.»
 Disse o corvo, «Nunca mais».

Pasmei de ouvir este raro passaro fallar tão claro,
 Inda que pouco sentido tivessem palavras taes.
 Mas deve ser concedido que ninguém terá havido
 Que uma ave tenha tido pousada nos seus humbraes,
 Ave ou bicho sobre o busto que ha por sobre seus humbraes,
 Com o nome «Nunca mais».

Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera, augusto,
 Que essa phrase, qual se nella a alma lhe ficasse em ais.
 Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento
 Perdido, murmurei lento, «Amigos, sonhos — mortaes
 Todos — todos já se foram. Amanhã tambem te vaes.»
 Disse o corvo, «Nunca mais».

A alma subito movida por phrase tão bem cabida,
 «Porcerto», disse eu, «são estas suas vozes usuaes.
 Apprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono
 Seguíram até que o entono da alma se quebrou em ais,
 E o bordão de desesprança de seu canto cheio de ais
 Era este «Nunca mais».

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,
 Sentei-me defronte d'ella, do alvo busto e meus humbraes;
 E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira
 Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestraes,

Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestraes,
Com aquelle «Nunca mais».

Commigo isto díscurrendo, mas nem syllaba dizendo
A' ave que na minha alma cravava os olhos fataes,
Isto e mais ia scismando, a cabeça reclinando
No velludo onde a luz punha vagas sombras deseguaes,
Naquelle veludo onde *ella*, entre as sombras deseguaes,
Reclinar-se-ha nunca mais!

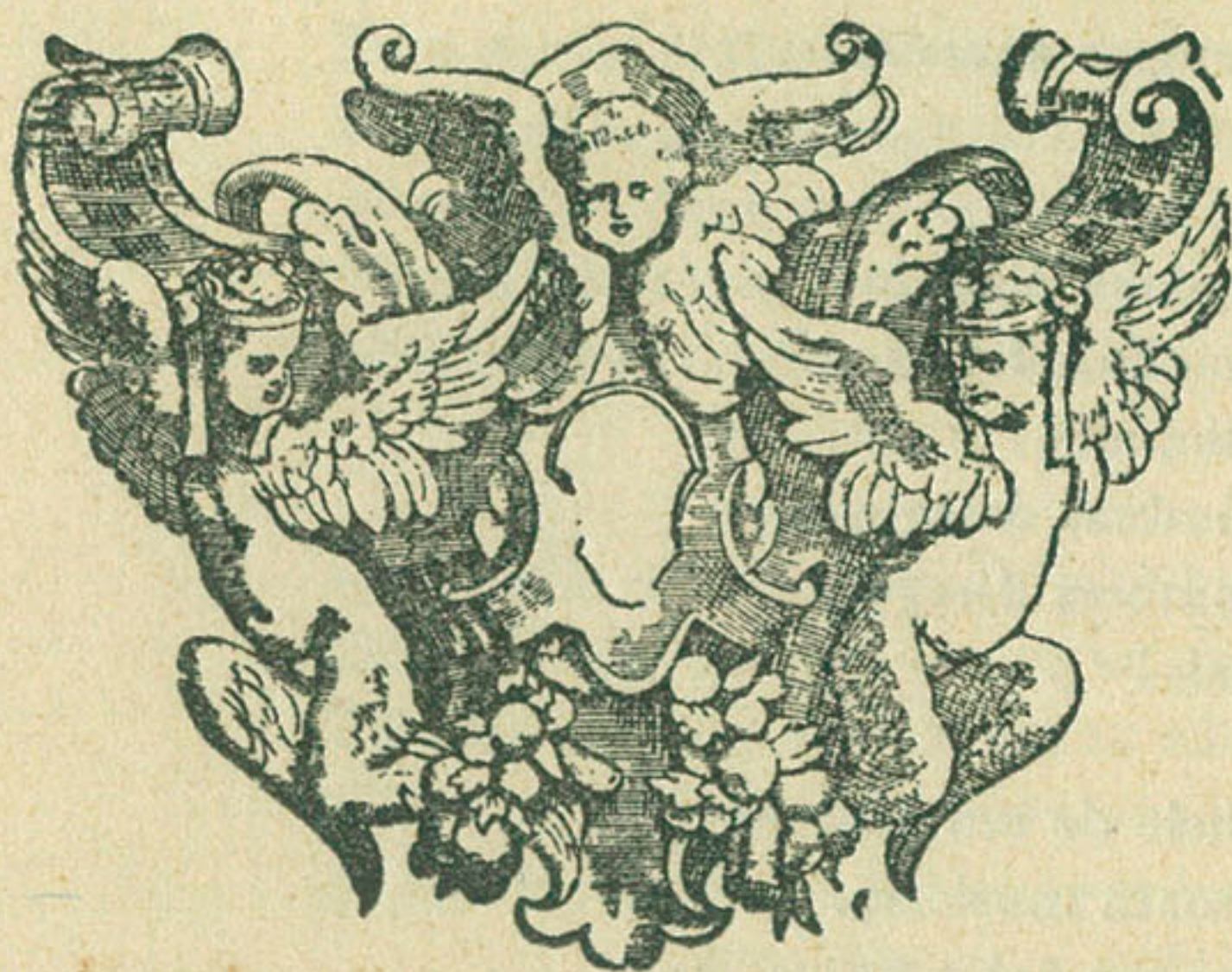
Fez-se então o ar mais denso, como cheio de um incenso
Que anjos déssem, cujos leves passos soam musicaes.
«Maldito!» a mim disse, «deu-te Deus, por anjos concedeu-te
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!»
Disse o corvo, «Nunca mais».

«Propheta», disse eu, «propheta — ou demonio ou ave preta —!,
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus humbraes,
A este lucto e este degredo, a esta noite e este segredo,
A esta casa de ancía e medo, dize a esta alma a quem attrahes
Se ha um balsamo longinquo para esta alma a quem attrahes!»
Disse o corvo, «Nunca mais».

«Propheta», disse eu, «propheta — ou demonio ou ave preta —!,
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortaes,
Dize a esta alma entristecida se no Eden de outra vida
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiaes,
Essa cujo nome sabem as hostes celestiaes!»
Disse o corvo, «Nunca mais».

«Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!» eu disse. «Parte!
Torna á noite a á tempestade! Torna ás trevas infernaes!
Não deixes penna que atteste a mentira que disseste!
Minha solidão me reste! Tira-te de meus humbraes!
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus humbraes!»
Disse o corvo, «Nunca mais».

E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
No alvo busto de Athena que ha por sobre meus humbraes.
Seu olhar tem a medonha dôr de um demonio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão mais e mais.
E a minh' alma d'essa sombra, que no chão ha mais e mais,
Libertar-se-ha . . nunca mais!



NOTICIA BREVE SOBRE UM PINTOR DA NOVA GERAÇÃO: LINO AN- TONIO. POR M. V.

O mais negro peccado que pesa sobre a pintura moderna, no conceito de aquelles que a não sentem, é ser em demasia *instinctiva* — pretendendo-se com isto significar, conjunctamente, um individualismo excessivo e o desprezo pelas formulas já accéites d'uma technica commum.

A tal libello, que, de resto, se tem produzido invariavelmente no início de todos os movimentos de arte, não lograria porcerto eximir-se o talento muito simples e original de Lino Antonio. Em sua obra exígua, elle parece singularmente empenhado em mostrar-nos a ignorancia dos meios e processos, pelos quaes, a rigor, se costuma pintar.

Senhor de uma visão clara e desannuviada, seus olhos escancarados verdadeiramente vendo com innocencia, bem lhe importa possuir as expertas habilidades de uma technica vulgar, em que sempre se deixou corromper a sinceridade de todas as intenções. Perdidas vão, n'este caso, as mais vagas reminiscencias da arte e engenho alheios; desfeito o veu importuno que a educação usa correr aos nossos olhos, transmudando, por successivas deformações, o universo visível, e, por consequencia, privando-nos de impressões que nos sejam proprias.

Aquí o artista acha-se collocado ante a natureza, em verdade, livre e sosinho.

Tambem, o seu trato com ella não saberia ser mais íntimo e perfeito.

Da adolescencia d'este pintor poderíamos com effeito dizer que decorreu *natural*.

Nas nossas praias, onde realmente foi creado, affez-se bem depressa Lino Antonio aos longos

passeios agrestes por entre os rochedos, a toda a hora e com todo o tempo; ao ocioso vagamundear atravez as brancas viellas das povoações costeiras; á luz transformadora do littoral; e, enfim, á vida solitaria e contemplativa.

Ora se vida tão bella, e horisontes tão largos e lavados, podem offerecer a um pintor a mais excellente preparação visionaria, bem como uma certa experiencia emocional, verdade é que lhe não fornecem quaesquer noções escolasticas. O mar não é academia. Sua virtude é, antes, de tal conformidade que, em sua visinhança, a contemplá-lo, começando por nos libertarmos de preoccupações recentes, pouco a pouco nos vamos despojando de toda a cultura adquirida, a mais remota e rudimentar, só para mais perto ficarmos do nosso ser primitivo.

Lino Antonio conviveu intensamente com o mar; com os homens e as coisas do mar. Por isso sua arte é selvagem e ignora os *canones* e as habilidades das pequenas *escolas*; por isso tambem, a sua visão é jovem e os seus olhos escancarados verdadeiramente *vêm* com innocencia.

Não é decerto o artifício esteril da *factura*, ou ainda, qualquer designio obscuro e vão de symbolismo, o que nos poderia inquietar na contemplação d'esta pintura nova; mas, sim, essa mesma alegria instinctiva de jovem fauno, em quem o sentido pantheista fôsse, por demais, vivo e latente.

E' assim que, em alguns trechos da beira-mar, a vida é surprehendida com arrebatamento e expressa com violencia.

Todavia a imaginação do artista, rica mas tranquilla, constantemente vela pelos excessos e peccados do seu temperamento. E' ella que salva o pintor, não o deixando cahir em tentação. Por ella esta pintura se desenrola aos nossos olhos, como uma perpetua, adoravel allegoria.

A paisagem infinitamente placida, allumiada por uma luz extatica, dir-se-hia que sobrenatural; ora concentrando-se em *côr*, adentro de pequenos quadros que lembram incrustações; ora descendo em rudimentares perspectivas de presepio, em que o ambiente, a *hora*, e não sei que outras mais lembranças fugidias são sentidas e evocadas com uma acuidade surpreendente; a inercia expressiva das figuras; a *synthese* expontanea e ingenua de muitas das suas *manchas* maritimas; tudo isso, que nos é dado sem *stylismos* complicados, por processos quasi pueris, nós contemplamos na obra de Lino Antonio, atravez a sensibilidade e a graça imaginativa de um poeta.

E' um mundo novo, encantado, o da sua visão.

A sua arte não *annota*; commemora a natureza. Estas telas são, na verdade, *commemorações* — que é o que todas as telas deveriam ser.

A OBRA DO VISCONDE DE MENEZES.

Pertence o Visconde de Menezes a essa espécie rara de artistas portuguezes que, como Garrett, Eça de Queiroz e Wenceslau de Moraes, nas letras, Sousa Pinto, na pintura, Alfredo de Andrade, na architectura, souberam, em benefício da sua arte, accrescentar o *sensacionismo* da sua vida com a *nevrose* das viagens e dos longos e saudosos estagios em terras estranhas.

Sem por completo se desenraizarem, ou perderem os caracteres de raça, esses, a quem imprópriamente poderíamos chamar os *cosmopolitas da arte*, colheram, do seu despáisamento, qualquer coisa de febril, de nervoso, de intensamente vivido, que para sempre se prendeu á sua obra, influenciando-a e tonificando-a.

E' curioso, n'estes casos insolitos, mais uma vez constatar a estructural inapplicabilidade do temperamento portuguez a tudo que seja exótico ou extravagante. Essa espúria flôr do exotismo nunca, com effeito, logrou perdurar na organização artistica do portuguez. Por isso talvez elle é em arte, como em tudo o mais, o emigrante ideal. As qualidades de senso e de equilíbrio, o sentido justo das proporções, a doce espiritualidade do nosso fundo, a própria modestia do nosso poder de expressão, inspirando-nos o horror invencível da extravagancia, effizamente nos defendem do mais grave perigo do *inter-cambio* artistico. A nenhum artista mais do que ao portuguez saberia recommendar-se com vantagem, as viagens e permanencias de estudo em cidades estrangeiras de civilização mais diversa.

Porque a sede violenta das viagens a todos nos morde no mais profundo e occulto da nossa alma de aventura, não conseguimos furtar-nos ao deslumbramento de um destino errante e batido por todos os ventos do mundo, como foi o do Visconde de Menezes. E esse deslumbramento instinctivo é ainda accrescido, n'este caso, do encanto delicado da distancia a que estamos d'esse outro tempo que foi o d'elle, encanto que tão justificadamente avoluma a

importancia sensacional das abaladas para longes e inverosimeis paragens, em nossos dias tão faceis e accessiveis, d'uma tão evidente e desencantada possibilidade. Feliz homem, este pintor, a quem, com ter esmaltado a sua existencia com os aspectos varios da vida de Roma, de Paris, de Londres, ainda lhe coube como *fundo* a tão esplendoroso scenario um tempo romantico que não é o nosso!

E' que, em verdade, raros são os que sabem distinguir, no gosto corrente e banal dos dias que vivem, o sabor característico e inconfundível do seu proprio tempo. E, contudo, é principalmente por ter vislumbrado essa distincção, que só aos verdadeiros artistas é dado apprehender, que o Visconde de Menezes foi um pintor que ainda hoje *existe* para a arte.

Com um forte temperamento e um talento da mais generosa natureza, elle *viveu*, no real sentido d'esta palavra, todo o movimento apaixonado da arte do seu tempo; por isso, sem duvida, nos deixou em seus quadros, com a força persuasiva da sinceridade, uma expressão verdadeira d'esse mesmo tempo. E assim dizemos, porque é um erro suppor-se que determinada epocha tem em arte uma unica expressão; tanto seria chamar-lhe inexpressiva — uma face com uma só expressão é uma face sem expressão nenhuma. A verdade plastica, sendo puramente sensível, é a mais pessoal, variavel e perfectível de todas as verdades. Para que um artista estheticamente traduza o caracter de certo periodo historico, faz-se mister que o tenha *reinventado* em si, moldando-o depois, em formas de nova e original belleza. Nada mais subjectivo que o *estyló*. O seculo XVIII francez, tal como nós o entrevemos hoje, é pura criação de Watteau, esse adoravel *mestre menor* da pintura que, queimando-se ao fogo devastador da doença e do sonho, todo um mundo concebeu de soberana elegancia. Insensato seria fazer depender, precariamente, o espirito esthetico d'uma epocha da documentação indumentaria que, por minuciosa e exacta, só serviria a prejudicar a força e a verdade da sua expressão. Quantas vezes, em arte, não são os anachronismos que demarcam e esclarecem a historia! Quem não sente que são artistas contemporaneos, da tempera d'esse extraordinario creador de *figurinos*, que é Baskt, que em formas e côres francamente fantasiosas, com maior vigor expressam o espirito, a *linha*, e o recorte esthetico de certas epochas passadas?

Quanto ao Visconde de Menezes, elle foi um romantico e um *pre-raphaelista* convicto, se bem que moderado.

Em Roma, para onde seguiu sob os bons e

insuspeitos auspícios do Conde de Rachzinski, conviveu com os chamados *nazarenos*, os pintores Cornelius, Overbeck, Kaulback, Minardi, Cavalieri, e com o nosso conhecido Metrass. D'essa convivência, e de visitas assíduas e atentas ás galerias e aos muzeus, guardou a base sólida de cultura e erudição pictórica, que distingue e quasi só por si justifica o movimento *pre-raphaelista*. Entretanto, este primeiro período da sua carreira como pintor apenas se assignala por enternecidas e reveladoras viagens a Florença, Milão, Bolonha, Padua e Veneza, e pelo seu ingresso nas Academias Italiana e Inglesa de Roma. E' de mais tarde, da sua larga permanência em Paris e, sobretudo, em Londres, que datam as suas obras marcantes. Uma vez n'esta ultima capital, acompanha desde o seu início, embora sem exaggeros sectarios, o *pre-raphaelismo*, hombrando já então com os primeiros retratistas ingleses. Todavia na sua obra o caracter distinctivo d'aquella escola pouco se deixa accentuar, o que aliaz permite avaliar melhor o grande *estyllo* proprio dos seus retratos. Assim, alguns d'elles, como se verifica pelas reproducções insertas no presente numero de ATHENA, constituem exemplos completos e edificantes de pintura romantica.

Não esqueçamos, porem, que não é só o *estyllo*, finamente insinuado, que notabilisa a obra do Visconde de Menezes, dando lugar á contemplação seduzida a que deante d'ella se não resiste.

Certos dos seus quadros, como os retratos de sua mulher e de sua mãe, e essa admiravel *cabeça* existente no Museu de Arte Contemporanea, contendo em si o forte cunho das grandes telas de *escola*, são pedaços de pintura, dos que marcam e que ficam. Só ellas nos contariam das razões porque o Visconde de Menezes figurou no mundo da pintura inglesa, n'um dos melhores periodos dos seus retratistas, no tempo em que Gabriel Rossetti allí pontificava. Tanto bastaria, em todo o caso, para explicar uma ampla documentação graphica da obra d'este pintor portuguez verdadeiramente illustre, que Portugal quasi desconhece.

QUADROS DO VISCONDE DE MENEZES

reproduzidos em ATHENA

Retrato da 1.^a Viscondessa de Menezes *

Retrato d'uma filha do pintor *

Retrato do 1.^o Visconde de Menezes

(pertence á Camara Municipal do Porto)

Retrato da Viscondessa de Menezes (Carlota)

(offerecido pela Senhora D. Elisa de Miranda

Pereira de Menezes ao Museu de Arte Contemporanea de Lisboa)

Paysagem *

Flores e fructos *

Retrato do artista *

Cabeça de creança *

Mr. King, da Universidade de Cambridge

(pertence ao Museu de Arte Contemporanea de Lisboa)

Retrato de J. de M. *

Salvatore Rosa entre os bandidos da Calabria

(pertence á Camara Municipal de Lisboa)

* Da galleria da Senhora D. Elisa de Miranda Pereira de Menezes.

SUBSIDIOS PARA UMA ANTHOLOGIA DA PINTURA PORTUGUEZA DOS SECULOS XVIII E XIX

Os estudos, a que nos ultimos tempos se dedicaram alguns dos nossos eruditos e criticos de arte, poderosamente têm contribuido para a revelação e definição d'uma *escola* portugueza de pintura, expressa e florescente em os seculos XV e XVI, na qual se nos deparam pintores de genio do vulto desmesurado de um Nuno Gonçalves. A carencia de documentação historica, as honestas duvidas que suscitavam os raros elementos de identificação concernentes ás taboas apparecidas, a diversidade de interpretação e, portanto, a controversia cheia de interesse a que davam lugar, outros tantos atractivos constituiram á tarefa ardua, mas nem assim menos seductora, a que patrioticamente se consagrou a nossa critica erudita.

Todavia, taes descobertas e estudos, que á gratidão dos vindouros assignalam a actividade investigadora do nosso tempo, concentrando e sobre si chamando o interesse d'esse mesmo publico, de algum modo permittiram que subsistisse o olvido, quando não a ignorancia total, da obra dos nossos pintores de epochas posteriores, que, por mais esclarecida e documentada, particularmente apartir dos fins do seculo XVIII, não menos digna é do nosso carinho e da nossa admiração.

E' com o duplo fim de rehabilitar e de vulgarisar, no mais elevado sentido da palavra, essa obra até hoje esquecida e adormecida nos nossos museus, e, sobretudo em nossas egrejas e solares, que ATHENA se propõe iniciar *muito brevemente*, em edição sua, a publicação de SUBSIDIOS PARA UMA ANTHOLOGIA DA PINTURA PORTUGUEZA DOS SECULOS XVIII e XIX.

Esta publicação, que essencialmente constará da reproducção dos mais notaveis quadros dos nossos artistas d'aquelles periodos historicos, comprehendendo consequentemente alguns ainda vivos, obedecendo ao mais rigoroso espirito de ordem e selecção, será organizada sob a direcção do director de ATHENA, Sr. Ruy Vaz.

A edição será feita em fasciculos mensaes, *gratuitamente distribuidos*, como «separatas» dos numeros d'esta revista, a todos os nossos assignantes e compradores.

Sobre o que virão a ser essas *reproducções de luxo*, como perfeição técnica, nada diremos, pois de tanto nos julgamos dispensados em presença da larga illustração artistica de ATHENA, que sobremaneira honra a arte graphica portugueza.



De Vari Capricci

por TIEPOLO

QUATRO GRAVURAS DE TIEPOLO

A este Tiepolo, Giovanni Battista Tiepolo, parece ter sido predito que a sua posteridade, embora firme e de bom quilate, haveria de limitar-se, no decorrer das gerações, a um escolhido cenaculo de eruditos e de artistas. Tal não poderia desconvir tambem, valha a verdade, a quem em arte, com elegancia encarnou antes de mais nada, o gentilhomem, o grande senhor veneziano, a um tempo discreto e sceptico.

A sua obra de pintor, surgindo isolada, como fructo extemporaneo da Renascença, no incerto alvorecer do seculo XVIII, persiste ignorada d'essa multidão que facilmente decora os nomes catalogados da grande época italiana, e que, ao passar nos museus, cautelosamente sabe evitar, por suspeitos, encontros com desconhecidos.

Para aquelles porem, raros, que em arte são delicados e são insaciaveis, e, ainda, para os gourmets da pintura, que n'ella procuram es-

sencialmente o perigoso mas irresistivel travo do estylo, Tiepolo symbolisa, realisando-o, por um modo unico na historia das artes, este fascinante paradoxo: a decadencia da Renascença. D'elle se disse já, que em seu tempo foi simultaneamente, o ultimo sobrevivente das escholas italianas, e o mais precoce, o primeiro dos decadentes.

Com effeito, se por certas qualidades, quaes sejam entre outras, o estudo consciencioso do corpo humano, o esplendor e exuberancia do colorido, a solidez do desenho; se, sobretudo, pelo que de são e instinctivo se observa na sua pintura, podemos considerar Tiepolo como o herdeiro directo dos mestres do grande cyclo italiano, a medida e discreção com que precisamente essas qualidades são accusadas, a visível preocupação dos effeitos decorativos, o sentido subtil da composição, o gosto pelas allegorias, e, em todo o caso, a intenção (porque não diz-lo?) um tanto litteraria dos assumptos, revela-nos na sua obra, se bem que apenas esboçado, esse estado psychico especial que muito mais tarde veiu a dar origem ao chamado decadentismo. Tanto monta dizer que em tal

personalidade artística, duplamente rica, ao genio creador se sobrepõe o espirito critico.

Certo, o gosto pelas allegorias constituiu um dos mais accentuados *penchants* da sua alma profundamente esthetica. E, em verdade, como não houvera de amal-as o imaginoso artista, de que a phantasia humoristica, embora vasada em moldes classicos, por vezes irrompe, indomita, do seu pincel ou do seu buril de gravador? Quem, depois de vê-la, poderá esquecer a espiritual *Descoberta do tumulo de Polichinello*, exemplo de *verve* e de elegancia inimigaveis?

Sem duvida, os themas sacros encontram em Tiepolo um interprete typicamente italiano, isto é, desprovido de qualquer especie de mysticismo, mas, nem por isso, menos tocado de graça. Onde porem, a sua inspiração mais evidentemente se compraz e depura, é nos *assumptos* da Mythologia, ou francamente profanos e licenciosos, como na *Venus e o amor* (Prado), *Mulher sahindo do banho* (Berlím) e *Banquete de Antonio e Cleopatra* (S. Petersburgo).

O pintor que foi Tiepolo mereceu, todavia, á sua epocha uma fervente e constante admiración. Como poucos, elle conheceu e saboreou todas as voluptuosidades da gloria. Não deixa de ser embaraçoso narrar, embora em curtas linhas, a historia da sua carreira artistica, de tal modo deslisou facil e isenta de todos os precalços e affrontas da sorte. N'ella os accidentes são sómente triumphos. Nascido em Veneza (1693), completada que foi a rapida aprendizagem com o pintor Gregorio Lazzarini, allí se estabelece, e logo o seu talento entra de conquistar a celebridade. As encomendas ocorrem de toda a parte, sendo raras as grandes obras do tempo para as quaes a sua mão ou o seu conselho não fossem chamados a intervir. A breve trecho, o renome do artista percorre toda a Italia, galga as fronteiras, e Tiepolo vê-se obrigado pelos seus trabalhos, a frequentes viagens a Milão, a Roma, a Wurtzburgo, a Munich. E' de notar que esta voga immensa e retumbante, longe de ephemera, excepcionalmente perdura e se illimita, os melhores annos em fóra da vida do pintor. Indifferente, porem, e, de certo modo sobranceiro á invejavel situação que as suas extraordinarias facultades lhe haviam creado no seu paiz; em plena maturidade do seu talento e ha muito passada a idade aventureosa, Tiepolo abandona a Italia para ir instalar-se em Madrid, onde, aliaz, o esperavam novas honrarias e proventos, e a mais alta consagração da sua obra. Acolhido com enthusiasmo na cõrte de Carlos. III e por este nomeado em 1763, seu pintor privado, é exercendo este cargo

que a morte emfim o surprehende, sete annos mais tarde.

Da honra que soube merecer aos seus contemporaneos, eloquentemente fallam os veneraveis logares ainda hoje occupados pelos seus quadros e decorações. A vasta obra de Tiepolo encontra-se disseminada pelas egrejas, palacios e museus de Roma, Milão e Veneza, no Louvre e no Prado, em Wurtzburgo, Munich e S. Petersburgo.

Entretanto, é como gravador que o talento de Tiepolo mais presente e visinho se acha do nosso tempo e do nosso sentir.

Nunca, porcerto, uma tão perenne phantasia se alliou a maior felicidade de execução.

Mais e melhor do que na reproducção de alguns dos seus quadros, é na original *serie* dos *Capricci*, de que faz parte a scena humoristica *A descoberta do tumulo de Polichinello*, atraz citada, que flagrantemente se evidenciam as facultades do gravador. Algumas d'essas composições, exprimindo deliciosamente, em traço fino e vigoroso, as mais puras reminiscencias da belleza antiga, demonstram no artista, até mesmo no modo de tratar os detalhes, na escolha e desenho dos accessorios, quer vasos ou amphoras, quer armas, esse amor pelas bellas coisas que, com o culto da natureza, forma o verdadeiro fundo do sentimento grego.

Pertencem a essa *serie* as quatro admiraveis gravuras que ATHENA tem a honra de inserir no seu primeiro numero. O encanto que d'ellas se evolva não se torna mister commentar e seria talvez importuno descrever. No seu desenho inspirado, constituem como que estrophes de um poema consagrado á graça e harmonia de viver. Nada mais saboroso e mais raro.

A edição do anno de 1785, valiosissima, d'onde reproduzimos estas *aguas-fortes*, e que é a segunda dos *Capricci*, ostenta em o frontispicio uma vinheta no melhor gosto do seculo XVIII. Adentro de moldura ornada de grinaldas e festões, lê-se em typo variado, a legenda que a seguir transcrevemos, tendo muito prazer em offerel-a á esclarecida curiosidade dos antiquarios e dos bibliographos, que são, como é sabido, as pessoas mais honestas e estimaveis d'este mundo.

VARJ CAPRICCI

Inventati ed Incisi

PAL CELEBRE GIO. BATTISTA TIEPOLO
novamente Publicati,

E DEDICATI

al Nobile Signore

L'ILL.^{mo} S. GIROLAMO MANFRIN

MDCCLXXXV



per TIEPOLO

De Vari Capricci



per TIEPOLO

De Vari Capricci





per TIEPOLO

De Vari Capricci

010717 14

